

# Livro de crónicas e reflexões sobre o correr dos dias

Rui Bebiano apresenta hoje o seu livro **Incertezas da Razão**, reunindo um conjunto de publicações feitas no Público, na Ler e no Diário As Beiras, e ainda em outras publicações digitais.

A apresentação está a cargo de **Elísio Estanque**, docente e investigador da FEUC, e de **Martha Pires**, gestora de comunicação e será na Livraria Almedina, às 17H30, em Coimbra.

O livro reúne 118 textos, publicados entre 2000 e 2025, todos eles construídos com uma tipologia de crónica: concisão, informalidade e preocupação com o real imediato e de contexto e, na expressão do autor, com preocupação cívica.

►Rui Bebiano é historiador, professor aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra, investigador do Centro de Estudos Sociais e autor. Foi diretor do Centro de Documentação 25 de Abril. É autor de livros, artigos científicos e textos de crítica literária e opinião, colaborando regularmente na imprensa. Trabalha sobre movimentos políticos e culturais contemporâneos nos domínios da história das ideias e dos intelectuais, das representações da utopia, dos processos de exclusão e silenciamento e das relações entre história e memória. Mantém desde 1970 intervenção pública constante em defesa dos ideais progressistas, da liberdade e da democracia



## O que pretendi com este livro



Rui Bebiano

Ao contrário dos meus livros mais recentes, escritos sobretudo na qualidade de historiador, este contém uma vertente ao mesmo tempo intervenciva e pessoal.

Nele procurei reunir textos sobre temas e problemas de interesse público que me têm preocupado ou mobilizado, mostrando que um historiador não fala apenas sobre o passado, mas pode e deve falar também sobre o mundo dinâmico em que habita.

Fazendo-o aqui, num registo de partilha com o leitor, ao mesmo tempo na pele de cidadão, de professor e de «explorador de incertezas». Não tenho dúvida de que estas páginas, não sendo autobiográficas, revelam muito da pessoa que sou, das minhas dúvidas, das minhas convicções, dos meus medos e sobretudo das minhas esperanças.

### Introdução da autora

poderoso pela Disney e pelo Brasil, a natureza assistiu como o ato de denunciar um importante processo cultural e literário se tem vindo a confrontar com a actuação do clérigo popular e a expansão dos populismos, beneficiando-se tanto a favorável perspectiva de influência dominante, repressiva e autoritária, e restando, por vezes, a tempos contraditórios de algumas canções em trincheira revolucionária e intransigentes. A historiadora chama, afiada, a atenção para o facto destes processos terem históricos ecrinos com aqueles que levou, nas primeiras décadas da década XX, à emergência das grandes sistemas totalitários.

O segundo texto é de Trump a Putin. A Guerra Contra o Democracia, de Álvaro Vazquez, pode ser explorado como o planeta tende a dividir-se em duas esferas muito antagonistas. O primeiro é o da «democracia liberal», identificada, sobretudo, mas como um espólio da liberdade herdeira da cultura social nascida do movimento operário, da igualdade das relações de cultura e crescimento, da revolta do racismo e do totalitarismo, da igualdade de gênero, do dever da solidariedade e meritocracia. O segundo é o da «nacionalismo identitário», fixo e na população, na limitação da liberdade, na manipulação da cultura, na guerra como solução, na designabilidade em massa, na segregação da religião, e, determinando tudo isso, de resultado do «desumanizar dos cidadãos».

de 2022 sobre a liberdade de imprensa no mundo – onde houve lugar, num total de 180 Estados, como um desaquecimento da organização não-governamental Repórteres Sem Fronteiras de que forma maior ou menor se distribuem, regimes autoritários, apoiados sobretudo na Rússia e no China, Índia, se encontram em expansão por todo o lado. As mesmas frácas democracias ou regimes subalternos, traduzidas pela perseguição da extrema-direita, da xenofobia e do racismo, bem a Estados, no Brasil e em diversos estados europeus, mesmo na liberdade, igualdade e fraternidade. O combate da democracia está, de facto, na ordem do dia, e deve mobilizar quem joga.

(Beiras, 2022)

### Cultura da denúncia e assalto à democracia

Todos os regimes autoritários firmam a sua autoridade no uso arbitrário da força, na eliminação da divergência e na disseminação da medo. Para o conseguirem recorrem ao que Foucault designa em mecanismos da microfísica do poder, uma combinação tática de vigilância hierárquica e sanções normalizadora que dão corpo à disciplina. Esta foi sempre particularmente severa sob as tiranias e as ditaduras, em especial magistras que incorporaram o complexo totalitário, capaz de impor, nas palavras de Hannah Arendt, «uma dominação permanente de todos os indivíduos em toda e qualquer esfera da vida».

Sob estas, os instrumentos destinados a silenciar a discordância, pressionando uma arreia tímida e violenta que se pretende eterna – como a polícia política e a censura, o controlar dos meios de comunicação, tribunais obnubilados nas normas antidemocráticas que excluem ou controlam o voto livre e o exercício da crítica – não são suficientes, mostrando-se, apenas por si, incapazes de instalar essa dominação na consciência dos individuos e em todas as esferas da vida. Em sociedades complexas e dinâmicas, onde as hipóteses de escapar à imposição disciplinar se multiplicam, esta dificuldade fascial requer instrumentos bem mais sofisticados e eficazes.

Entra aqui em jogo os processos complementares de construção e imposição da pensamento único, tendentes a criar a unanimidade e ao mesmo tempo, como lembrava Herbert Marcuse, a fechar o universo do disenso, dele excluindo todo o espírito de autonomia e de liberdade. A escola, a propaganda política, uma informação filtrada, o doutrinamento, são então mobilizados para impor uma representação do mundo e da história segundo modelos que rejeitam a contradição, tornado como uma perigosa vírus. Procura-se então isolar, excluir, coagir e silenciar, no limite perverso, torturar ou acapilar quem tenta a expô-la.